

Processo de formação do professor alfabetizador na/para diversidade

BORGMANN, Marta Estela¹

MARQUES, Luíza Nunes²

BANDEIRA, Andressa³

Resumo

Esta reflexão surge de um projeto desenvolvido em uma escola pública cujo objetivo principal consistia em auxiliar na alfabetização de crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental que apresentavam dificuldades de aprendizagem. A metodologia utilizada para construir o caminho de investigação se fez através de observações participadas no cotidiano da sala de aula durante o ano letivo, intervenções com alunos de forma individual e coletiva, bem como conversas informais com a professora da turma. As análises foram feitas a partir das observações individuais e coletivas e com auxílio de teóricos como Cagliari (1998); Santos (2014); Soares (2017); Feil (2015) e Roos (2007). Foi possível verificar aspectos relacionados a essas dificuldades advindas de contextos sócio-culturais, bem como a necessidade de uma formação para os professores alfabetizadores voltada para a compreensão das diferenças como possibilidades de novas aprendizagens e não como limites, entendendo os sujeitos como diferentes e não homogêneos e passíveis de padronização.

Palavras-chave: alfabetização, formação de professor, diversidade cultural

Modalidade de participação: Categoria 1

Temática: Contextos culturais e diversidade

Introdução

As questões que envolvem o debate sobre a diversidade cultural não podem jamais estar desvinculadas da formação de professores, principalmente dos alfabetizadores. Falar de alfabetização é também falar de conceitos como diversidade, cultura e justiça social. Ao mesmo tempo, articular tais conceitos à formação tem se tornado um desafio para a educação e para as instâncias envolvidas nesse processo.

A prática docente de um professor alfabetizador é, sem dúvida, uma prática complexa, que demanda uma gama variada de saberes para o desenvolvimento da profissão. Entendemos que ela é permeada pela

¹Professora Doutora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Curso de Pedagogia. martabor@unijui.edu.br

²Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. luiza.n.m@hotmail.com

³Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. andressa-bandeira-97@hotmail.com

adquisição de conhecimentos adquiridos em seu curso de formação inicial mobilizando habilidades e competências para o ensino da leitura, da escrita, do cálculo e de outras linguagens de seus educandos e de uma formação que propicia a atualização de conhecimentos importantes para o desenvolvimento de suas tarefas que respeite a especificidade de cada sujeito.

Assim, a presente reflexão constitui-se a partir de uma investigação que visa discutir a importância da identificação dos universos culturais dos alunos e a formação do professor alfabetizador voltada à pluralidade cultural, considerando as experiências vivenciadas a partir de um projeto desenvolvido em uma escola pública de ensino fundamental com estudantes em ciclo de alfabetização. Com isso, a metodologia utilizada para construir o caminho de investigação se fez através de observações participadas, intervenções com alunos individual e coletivamente, bem como conversas informais com a professora da turma. Assim, foi possível refletir sobre as práticas pedagógicas e as experiências do professor, que através de suas ações possibilitou compreender o contexto cultural e perceber a necessidade de uma formação específica para o alfabetizador para que possa atender a diversidade existente em sua sala de aula.

Desenvolvimento

Não importa o seu objeto de ensino, o professor é quem organiza um determinado conhecimento e se dispõe de certa maneira em propiciar boas condições para que a aprendizagem ocorra. Por isso, precisam ser e estar cada vez mais preparados para acompanhar as inúmeras transformações da sociedade contemporânea, bem como os desafios encontrados no contexto escolar e cultural emergentes desta.

As formações de professores têm exigido novas abordagens e novas concepções sobre o processo de ensinar a ler e escrever, não mais pautados em métodos, mas principalmente numa concepção de infância e de aprendizagem que permite dialogar com a criança como protagonista do processo.

Partindo desse pressuposto, temos a clareza de que as noções de infância perpassam os tempos sociais e culturais em que estamos inseridos, assim, observa-se que não existe infância homogênea, o que existem são as diversas infâncias, diferentes crianças com processos diferenciados de ser e estar no mundo, ou seja, de acordo com seu contexto de vida e com as formas de organização da sociedade. Assim, desde a infância, a criança pode e até deve ter contato com o mundo letrado, por isso muitas vezes percebemos casos em que a criança já adentra a escola sendo letrada, pois já está imersa nesse mundo social em que a leitura e a escrita estão incluídas. Contudo, Cagliari (1998) afirma que a alfabetização é o momento mais importante da formação escolar e enfatiza a necessidade de o professor alfabetizador estar preparado para este processo. Nesse ponto que queremos chegar, oportunizando a reflexão acerca do papel do professor alfabetizador

e qual formação mais apropriada para este? Está devidamente “preparado” para os desafios da prática docente?

Constantemente temos refletido sobre a metodologia utilizada pelo professor alfabetizador e sobre sua formação no que concerne à escolha destes ou daqueles métodos de ensino considerando as particularidades das crianças ali inseridas, a diversidade e seus tempos de aprendizagem.

Nosso contato com as crianças em sala de aula iniciou a pedido da escola, com observações do processo de alfabetização que se desenvolvia numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental em função de inúmeras crianças não estarem alfabetizadas. Avaliamos o processo individual das crianças e do grupo, percebemos que inúmeras questões estavam interferindo nesse processo e assim causando as dificuldades de aprendizagem. Muitas estavam com dificuldades na leitura, principalmente em fazê-la de forma fluente, outras em cálculos, e outras ainda não reconheciam palavras simples, algumas sílabas e muito menos faziam a leitura de frases.

As crianças começaram a ser atendidas individualmente e este atendimento consistia em trabalhar a leitura, escrita e cálculos de maneira lúdica, partindo do contexto sócio-cultural de cada uma, de seus conhecimentos prévios, assim, elas aprendiam brincando, com jogos de sílabas, de reconhecimento de palavras, sequência lógica, desenhos, entre outros. Nessa concepção, Santos (2014 p. 9) afirma que:

Diante disso vê-se a necessidade de levar para a sala de aula, estratégias lúdicas que favoreçam o ensino aprendizagem, principalmente nos três primeiros anos do ensino fundamental, uma vez que estes são considerados essenciais para a construção significativa do aprendizado da criança. As atividades lúdicas possibilitam que as crianças reelaborem criativamente sentimentos e conhecimentos e edifiquem novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com as suas necessidades.

Inicialmente, a turma contava com uma professora que não era Pedagoga, sua metodologia de trabalho e planejamento era tradicionais, o que levava as crianças a se dispersarem facilmente e conseqüentemente, ao não aprendizado. Por questões relacionadas à saúde, houve troca de professora e a que assumiu a turma possuía Curso Normal - Magistério como formação de ensino médio e graduação em Letras, apresentando certa proximidade ao campo de formação da pedagogia, isso possibilitou aprendizagens sobre a língua portuguesa e a literatura, e desta forma logo percebemos as significativas mudanças na turma.

Consideramos que é necessário trabalhar com a construção da afetividade, pois ao conhecer a realidade dessas crianças, percebemos o quão importante é oportunizar um olhar e escuta sensível. Percebemos que a nova professora acolhia a todos com seu jeito de olhar cada um a partir de suas singularidades. As crianças sentiram-se completamente acolhidas a partir do olhar atento que essa professora deu a elas, em um curto período de

tempo não foi mais necessário levar aquelas crianças para o atendimento individualizado, iniciamos a participar e observar as aulas. Evidenciamos também a forma de como essa professora trabalhava, partindo de aulas mais dialogadas, dinâmicas, em que as crianças se sentiam autônomas, que compreendiam o momento do brincar e o momento de se concentrar, pois sentiam-se instigadas a realizar as atividades propostas, estas eram planejadas pela professora com ênfase nos processos de letramento e alfabetização e no desenvolvimento integral das crianças. Nessa linha, Roos (2007) refere-se que

Percebia-se que há a necessidade de se pensar e se discutir sobre o que não é olhado, sobre o que está silenciado. Discutir o que parece sutil e insignificante, mas que age, marca, condiciona, subjetiva. (...) Procurar realizar espaços de desnaturalização do que é tido como normal, dos padrões impostos, dos rótulos construídos e atribuídos como naturais aos sujeitos. Desnaturalizar, também, nossas ações pedagógicas em relação a tudo isso.

Reconhecemos que não se trata de métodos ou receitas mais apropriadas para ensinar a ler e a escrever, e sim observar cada criança na sua singularidade e a partir daí, elaborar situações de aprendizagem na qual elas se reconheçam. Conforme Soares (2017) para os alfabetizadores é necessário conhecer o caminho em direção a criança e para isso conhecer o seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem para orientar seus passos e os passos da criança.

Situações como esta estão e devem ser fortemente discutidas e explicitadas aos demais professores, para que sirvam não somente de exemplo, mas de alerta para que reflitam sobre suas práticas na sala de aula e que da mesma forma possam enxergar cada criança como um ser único que deve ser escutado e percebido na sua singularidade, incluindo aí as suas dificuldades no processo de alfabetização e letramento para que seus questionamentos sejam sanados e o processo se torne prazeroso e não tido como mecânico e fora do contexto, por isso

Independentemente de ampliar e redefinir a compreensão de alfabetização ou a inclusão de letramento no processo de aprender a ler e a escrever, o importante é que o debate esteja instaurado no interior da escola, que ultrapasse a fronteira do discurso e gere impactos nas práticas cotidianas... (FEIL,2015, p. 41)

Constatamos que alfabetizar vai além de ler e registrar autonomamente palavras e frases que não produzem sentido, mas que tem um caráter transformador, pois ao se apropriar da leitura e da escrita a criança insere-se no mundo letrado, podendo modificar sua realidade e o seu contexto em que vive. Para isso, propomos a reflexão de que formar-se em Pedagogia para ser professora alfabetizadora hoje, consiste uma necessidade urgente para

compreensão da infância e da sua cultura como espaço-tempo vivido pelas crianças como fundamentais para seu desenvolvimento integral.

Considerações finais

O professor alfabetizador para além da compreensão do processo de leitura e escrita necessita conhecer profundamente cada criança ali inserida e reconhecê-las como seres concretos que possuem conhecimentos prévios, que são seres sociais culturalmente constituídos, possuem valores, costumes e que necessitam de olhar e escuta atentos para que se sintam acolhidos e possam desenvolver-se com autonomia apropriando-se desses conhecimentos. Acompanhando semanalmente os alunos desta turma, num período de seis meses, os resultados foram animadores, as crianças demonstraram muito interesse na leitura, várias criaram hábitos de levar livros para casa, sem contar que aquelas que não liam começaram o processo de forma fluente.

Assim, consideramos que o professor alfabetizador deve possuir graduação compatível com sua atuação, ter conhecimentos prévios sobre a Educação Infantil e Anos Iniciais, que esteja em constante processo de ensino e aprendizagem, que tenha uma formação inicial voltada à compreensão da diversidade como um espaço livre e plural, que não rotule nem estigmatize os sujeitos, que tenha uma formação continuada para além dos muros da escola ou da universidade, que compreenda que todos somos sujeitos diferentes e é isso que nos constitui e nos faz crescer e que somos seres inacabados e também fazemos parte desse processo, de aprender cada vez mais.

Referências

- CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu. São Paulo: Scipione, 1998.
- FEIL, Iselda. Alfabetização: um novo desafio para um novo tempo In: Seminário Internacional de Alfabetização. Alfabetização numa relação intercultural. Ijuí: UNIJUI, 2015.
- ROOS, Ana Paula. Olhares sobre as diferenças nas salas de aula. Maura Corcini Lopes; Maria Claudia Dal'Igna (org.) in/exclusão nas tramas da escola. Porto Alegre: Ed. Ulbra, 2007.
- SANTOS, Fernanda Cristina Ribeiro dos. A ludicidade na alfabetização: perspectivas e possibilidades de novas aprendizagens. 2014. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.
- SOARES, Magda. Alfabetização a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.